

BARCO PICARETO

Ao barco Picareto, como é chamado, foi dado o nome devido a ser do mesmo feitio da ferramenta muito usada pelos trabalhadores rurais, sendo de bico agudo por um lado e largo na pá pelo outro.

É um barco típico da região mais a montante do “Tejo português”, usado há mais de trezentos anos pelos pescadores desta zona, que eram muitos.

Há dois tipos de barco Picareto, sendo um profissional, para a pesca, e outro mais amador.

O profissional tem uma tampa fixa a ele ligada - chamada leito - que, por cima, serve de base para se trabalhar as redes enquanto, por debaixo, serve para os pescadores da companhia, que são dois, dormirem.

O picareto de amadores não tem leito. É *aberto* como lhe chamamos e serve para a pesca de redão, de varela e para a passagem de uma margem para a outra do Tejo de pessoas, animais, produtos diversos ou equipamentos. Serve ainda para os pescadores furtivos que não têm lugar certo para pescar.

Os barcos Picaretos têm seis metros de comprimento e o fundo é chato para navegarem em locais baixos, nos quais se deitam os tresmalhos para captura do peixe: boga, barbo, muge ou tainha, por exemplo.

Empregue na sua construção é principalmente a madeira de pinho bravo, mas os braços que o formam são de madeira de oliveira, azinho, freixo ou figueira. Todo este material tem a sua altura própria para corte para que a madeira cortada não tenha viço, para durar mais tempo.

A proa alta facilita o seu movimento no enfrentar da corrente de água. Como na zona o rio tem muitos cachões e no passado não havia motores nem se podiam usar, as arribações eram feitas à vara num trabalho bastante duro e o barco ao entrar na forte corrente da água, a que chamamos ponta, não torcia, algo que não acontece às lanchas de proa curva até abaixo.

CAÇADEIRA DO TEJO

Esta caçadeira foi recuperada pela AIDIA no *Malagueiro das Praias*, mancha de água localizada no concelho de Alpiarça, em 18 de Junho de 2010.

O seu construtor e antigo proprietário foi António Petinga Fernandes, Avieiro desde sempre ligado à pesca no rio Tejo e afluentes no concelho de Alpiarça.

As suas dimensões já foram estudadas pelo Sr. Arquitecto Fernando Simões Dias. Tem um comprimento de 4 metros. O fim a que se destinava era a pesca no rio Tejo e nos pequenos cursos de água, abundantes no concelho de Alpiarça, como a Vala Real.

Na altura em que foi resgatada, esta caçadeira estava abandonada meio submersa no Malagueiro das Praias, sem possibilidade de aproveitamento útil, podendo desaparecer em pouco tempo. O proprietário ofereceu-a à AIDIA que a restaurou.

CAÇARICO

Também conhecido por *PASSA-VALAS* ou *SALTA-VALAS*

Esta pequena embarcação tem somente 2,70m e foi oferecida à AIDIA pelo seu proprietário e construtor, o pescador Avieiro de nome António Petinga, de Alpiarça.

António Petinga construiu esta embarcação para poder pescar às enguias e aos pimpões nos cursos de água de muito pequenas dimensões. Não era própria para a pesca na Vala Real de Alpiarça e menos ainda no Tejo.

Conta o antigo proprietário que foi avisado várias vezes pela mulher, ou camarada, para o perigo de usar a embarcação. Pelo facto de não lhe dar ouvidos, várias vezes tomou banhos forçados.

As suas dimensões muito reduzidas tornavam-na própria para poder ser transportada por uma única pessoa, de uma vala para outra, daí o nome como hoje é conhecida, de passa-valas, ou salta-valas.

Na altura em que foi resgatada, em 28 de janeiro de 2011, este caçarico já não tinha fundo, tendo sido pacientemente restaurada pelo avieiro mestre Vítor Tomás, à semelhança de outras. Neste momento é a única embarcação deste tipo que se conhece, quer no Tejo quer no Sado.

BATEIRA, - *BARCO-CASA*

Descendente em linha quase directa, pode dizer-se, das embarcações da Ria de Aveiro, onde as suas mais antigas raízes mergulham há talvez mais de 300 anos, a bateira avieira, tão intimamente ligada a todos os momentos da vida da sua gente, constitui por certo o elemento mais representativo e simbólico do povo avieiro e de toda a sua cultura.

Para isso, e quase sem sobreposição de funções, ou com uma sábia simultaneidade, eram sempre consideradas no barco três zonas distintas, escrupulosamente respeitadas:

QUARTO – necessariamente a zona de dormir, do lado da proa, entre a empara e o traste, ou seja até à primeira emparadeira (ocupando habitualmente 4 vãos de caverna), e compreendendo ainda o espaço de baixo do paneiro ou coberta da proa, este mais destinado ao arrumo de roupas.

COZINHA – zona igualmente imprescindível, desde o quarto até à segunda emparadeira onde ficava a arca, com funções de despensa, e se arrumava a quarta de barro, o alguidar, o fogareiro ou fogão de petróleo, e toda uma série de utensílios necessários numa cozinha.

OFICINA – a zona a seguir à cozinha, desde a segunda emparadeira até à ré, era uma zona de trabalho, onde ficavam as varas, remos, artes de pesca, rabeiras, viveiros, e outros acessórios de bordo. Daqui era feito o lançamento e recolha das redes de arrastar, e era também aqui que se

juntava o pescado. Era ainda esta a zona das cargas, quando em transporte de materiais ou produtos a granel.

MEIA-LUA

No passado recente, este barco da arte-xávega era um tipo de barco de pesca lançado a partir da praia, com uma tripulação de 46 homens, 11 para cada remo. Outros 15 homens e 20 bois estavam encarregues no areal de puxar a rede. Já não existem barcos da xávega de 4 remos a operar em Portugal, embora os mais pequenos de 2 remos ainda se usem, com 8 homens por remo. Os arqueólogos consideram que este barco possa ser eventualmente descendente de embarcações fenícias que alcançaram Portugal desde o Mediterrâneo de leste há cerca de 3000 anos atrás.

Descrição: